



Ecologias indomáveis[1]: descolonização do sensorium ecológico em um acontecimento natural cultural de 10.000 anos de idade[2]

Natasha Myers[3]

Tradução: Marina Souza Lobo Guzzo[4]

RESUMO: No ensaio fotográfico que se segue, compartilho algumas notas de campo de dois anos em uma colaboração de longo prazo de pesquisa e criação com a premiada dançarina e cineasta Ayelen Liberona. *Devir Sensor (Becoming Sensor)* mistura arte, ecologia e antropologia em uma tentativa de fazer ecologia de outra forma. Parte de um projeto de pesquisa etnográfica de longo prazo em um parque urbano em Toronto, *Devir Sensor* especula sobre protocolos para uma ecologia indomável, de um acontecimento natural e cultural com 10.000 anos de idade. Neste projeto, Ayelen e eu nos engajamos nas mediações expansivas da arte e nas atenções artísticas da etnografia para refazer o caderno do naturalista. Esta história mais do que natural de uma savana de carvalhos no *High Park* de Toronto oferece uma abordagem para cultivar um modo robusto de saber fundamentado em políticas queer, feministas e decoloniais.

Palavras-Chave: Arte. Políticas Queer. Ecologia.

Ungrid-able Ecologies: decolonizing the ecological sensorium in a 10,000 year-old natural cultural happening

ABSTRACT: In the photo essay that follows, I share some field notes two years into a long-term research-creation collaboration with award-winning dancer and filmmaker Ayelen Liberona. *Becoming Sensor* mixes art, ecology, and anthropology in an attempt to do ecology otherwise. Part of a long-term ethnographic research project on an urban park in Toronto, *Becoming Sensor* speculates on protocols for an ungrid-able ecology of a 10,000 year-old natural cultural happening.



In this project, Ayelen and I engage the expansive mediations of art and the artful attentions of ethnography to remake the naturalist's notebook. This more-than- natural history of an oak savannah in Toronto's High Park offers one approach to cultivating a robust mode of knowing grounded in queer, feminist, decolonial politics.

KEY-WORDS: Art. Queer politics. Ecology.

Introdução: projetos de descolonização do conhecimento feminista

Nesta ordem mundial da pós-verdade, onde fatos alternativos ameaçam desvendar até mesmo as afirmações científicas mais estáveis, pode parecer totalmente uma blasfêmia questionar se mais ciência ou até melhor ciência é o que precisamos para responder às circunstâncias terríveis que se desenrolam ao nosso redor. É evidente que as instituições científicas, os programas de pesquisa e os dados estão sob grave ameaça[5]. E, ao mesmo tempo, o que deveria preocupar os estudiosos da tecnociência feminista, é que, é precisamente neste clima, que muitos parecem estar se fixando mais ferozmente no mito da ciência como o exercício da objetividade desinteressada, em serviço de assegurar verdades universais. Note os protestos contra a "politização da ciência" por volta da Marcha da Ciência de abril de 2017, e contra os esforços para tornar essa marcha mais inclusiva.

Os estudiosos feministas da tecnociência, há muito, sabem que a ciência é mais e mais do que aquilo que ela afirma ser. Mas muitos cientistas e seus públicos ainda se agarram à ideias míticas que assumem uma divisão limpa entre ciência e política. Por isso, talvez pudéssemos tirar um momento para perturbar o desejo de um projeto de conhecimento feminista que aspira ao status de uma ciência. Sim, precisamos de ciências fundamentadas em feminismos interseccionais. Mas também precisamos investir nossos esforços para gerar formas robustas de saber (e não saber)[6] que possam estar ao lado e transversalmente à ciência.

No que se segue, especulo sobre as possibilidades de um modo de investigação feminista descolonial que possa construir sobre as melhores partes da ciência - suas formas situadas, encarnadas e responsivamente sintonizadas de conhecimento[7] - enquanto simultaneamente recusa sua lógica fundacional: as formas colonial, capitalista, militar, mecanicista e neo-darwinista através das quais a ciência ganhou sua tração como o único árbitro da verdade. Este é um chamado para um modo robusto de saber que pode romper com as próprias forças que a ciência projetou



para servir: aqueles desejos capitalistas e coloniais por formas de conhecimento que facilitem a gestão de terras e corpos[8]. Por muito tempo, essas forças moldaram o mundo.

Estou procurando maneiras de saber, que podem expor a lógica colonial e extrativa das ciências, enquanto responsabilizo os cientistas, seus públicos, governos e indústria para fazer melhores perguntas e cultivar modos mais robustos de investigação[9]. Estou mantendo a esperança de um modo de investigação que possa responder às necessidades das comunidades, como as que vivem abaixo dos fluxos tóxicos do industrialismo tardio, e na esteira da mudança climática[10]. Quero apoiar a criação de formas de conhecimento que possam nos ajudar a contestar regimes de provas constrangidos, desestabilizar ideias sobre quais modos de atenção, objetos, métodos e formas de dados são próprios das ciências, e interromper suposições sobre cujo conhecimento conta[11]. Talvez seja isto que a tecnociência feminista já faz. Queremos chamar isso de ciência?

A ciência tem compromissos não alinhados com projetos feministas. Os regimes de evidência atualmente reunidos por estados e indústrias operam dentro de um campo discursivo restrito no qual todas as reivindicações da verdade devem apelar para uma visão mecanicista do mundo, na qual as formas de vida e morte são tornadas alienáveis, extraíveis, comercializáveis e redutíveis a suas partes. Outras formas de conhecimento, especialmente os conhecimentos locais e indígenas, são obrigados a se tornarem legíveis a este racionalismo científico. Outros conhecimentos ou são "tolerados" como uma questão de princípios burocráticos do liberalismo de "inclusão" e "consulta", simplesmente ignorados, ou completamente ignorados[12]. Pergunto-me então se os apelos ao conhecimento sob a bandeira da ciência nos manterão entrincheirados em formas de saber que as hierarquias dos institutos entre as formas de vida, reafirmam as concepções ocidentais da separação dos seres humanos da natureza, continuam a mecanizar e mercantilizar os processos vivos, propagam narrativas e tecnologias militarizadas e asseguram o contínuo silenciamento dos conhecimentos indígenas e locais. Se assim for, quero tentar inventar formas de saber o contrário. A fim de imaginar uma forma robusta de saber que poderia estar ao lado da ciência - e impulsionar os desejos generalizados de verdades totalizantes e universais - poderia ser generativo começar por construir sobre elementos da prática científica que são consistentes com a ética feminista interseccional. Minha pesquisa etnográfica de longo prazo entre modeladores de proteínas que tornam visíveis as coisas da vida me ensinou que a ciência é mais e mais do que aquilo que há muito tempo é[13]. Os praticantes das artes de modelagem de proteínas mostraram que era possível



evitar idealizações de objetividade mecânica e cultivar uma prática de conhecimento situado no laboratório[14]. Eles me mostraram como o rigor científico tem menos a ver com ideias convencionais sobre desprendimento, objetividade desencarnada, ou rotinas, e mais com regimes improvisados de cuidado e trabalho afetivo. Estes profissionais me mostraram sua disposição em ser atraído por fenômenos que estudam, e para ficar enredado e sintonizado com a vivacidade da matéria[15]. Eles também me ensinaram que suas melhores tentativas de afirmar uma visão mecânica do mundo falharam consistentemente em desencantar o mundo vivo. Apesar de seus melhores esforços na "desanimação", em suas mãos a matéria permaneceu viva e excitável[16]. Eu vi vislumbres de uma ciência feminista em seus amores e trabalhos.

Mas os cientistas que trabalham neste campo e aqueles que trabalham em muitas outras disciplinas, e especialmente na ecologia, também me mostram insistentemente os modos mundanos que as lógicas colonial e economizadora ainda têm um controle tenaz sobre nossa imaginação sobre terras e corpos[17]. Assim, embora os profissionais científicos compartilhem tanto com artistas e antropólogos (especialmente quando se olha de perto os enredos afetivos que tomam forma no curso da investigação), muitas vezes os cientistas são limitados a modos de atenção e regimes de evidência ditados pelo colonialismo, capitalismo e heteropatriarcado. Assim como quero afirmar, o potencial que os cientistas têm para o mundo de outra forma, fica claro que os projetos feministas decoloniais devem encontrar uma forma de romper com as lógicas fundadoras das ciências. Se o objetivo é romper com o imaginário ecológico colonial, por que não começar com o potencial disruptivo da arte? A pesquisa baseada na arte, sob a forma de projetos de pesquisa-criação que associam o pensamento ao criar e fazer, pode quebrar o quadro[18]. A arte pode alterar como percebemos, sentimos e conhecemos; a investigação baseada na arte pode expor e subverter o sensorium ecológico colonial e, no processo, abrir percepções de mundos mais do que humanos.

No ensaio fotográfico que se segue, compartilho algumas notas de campo de dois anos em uma colaboração de longo prazo de pesquisa criação com a premiada dançarina e cineasta Ayelen Liberona[19]. *Devir Sensor (Becoming Sensor)* mistura arte, ecologia e antropologia em uma tentativa de fazer ecologia de outra forma. Parte de um projeto de pesquisa etnográfica de longo prazo em um parque urbano em Toronto, *Devir Sensor* especula sobre protocolos para uma ecologia indomável, de um acontecimento natural e cultural com 10.000 anos de idade. Neste projeto, Ayelen e eu nos engajamos nas mediações expansivas da arte e nas atenções artísticas da etnografia



Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – artigos | ano 9, no. 23, 2022

para refazer o caderno do naturalista. Esta história mais do que natural de uma savana de carvalhos no *High Park* de Toronto oferece uma abordagem para cultivar um modo robusto de saber fundamentado em políticas queer, feministas e descoloniais.

Uma história mais do que natural de uma savana de carvalhos

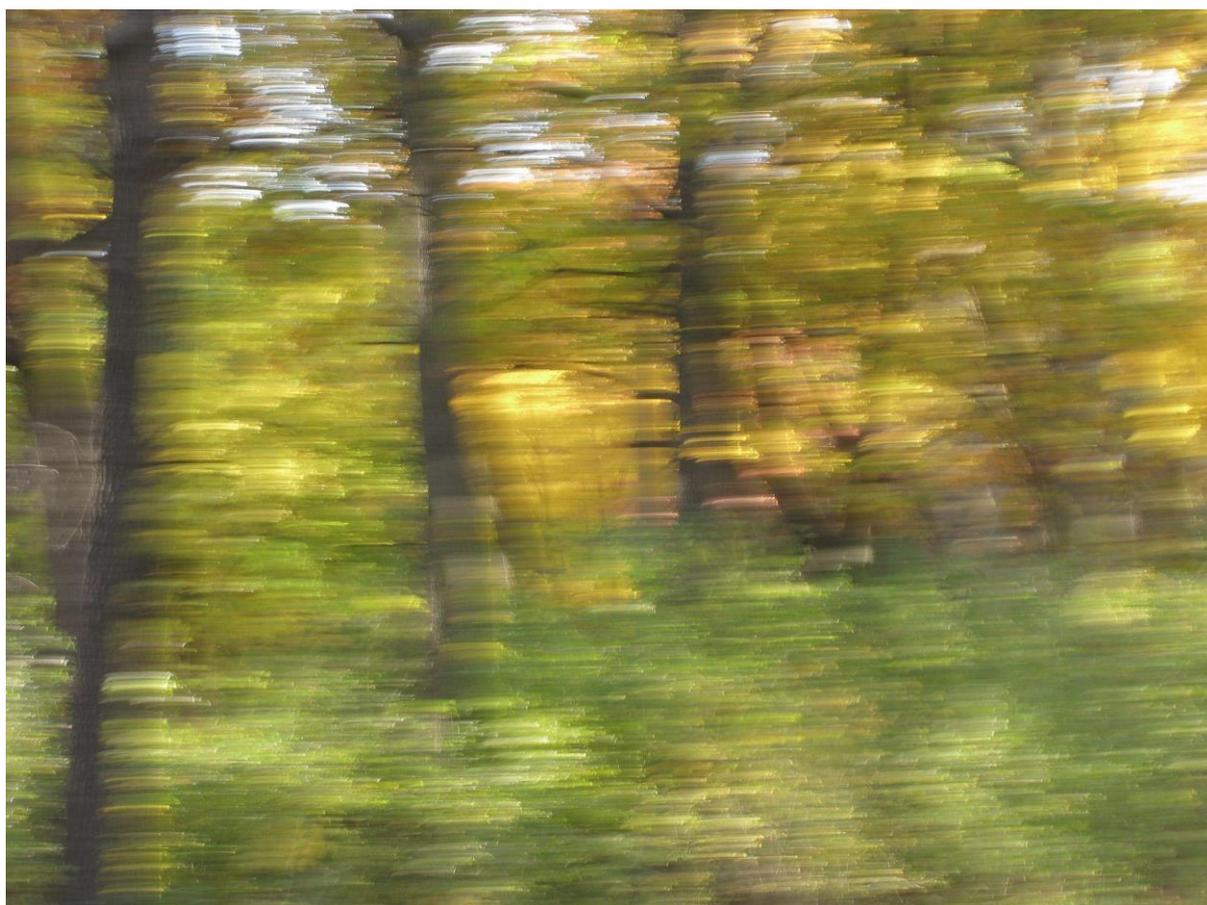


Figura 1: Savana do Carvalho do High Park. Fotografia da autora.

Devir Sensor experimenta formas de descolonizar a ecologia em um parque urbano de 400 acres em Toronto, que está atualmente sob intensa restauração ecológica. As terras em questão, são remanescentes das antigas savanas de carvalhos que costumam se estender por esta região. As savanas de carvalhos são acontecimentos notáveis que reúnem muitos tipos de seres, que se tornam e vêm desfeitos. Elas são compostas de carvalhos amplamente espaçados, gramíneas altas e flores silvestres que adoram criar raízes em solos arenosos. E, no entanto, a composição destas terras não depende apenas de forças "naturais". As savanas de carvalhos dependem da força



perturbadora do fogo para manter as pastagens prósperas e para promover a regeneração dos carvalhos. E por esta razão, eles dependem de pessoas com conhecimento do fogo e da habilidade de usar esta força destruidora para cuidar das terras. As savanas de carvalhos são neste sentido formações naturais-culturais por excelência[20]. Sua própria existência é um registro do uso do fogo pelos povos indígenas para cuidar destas terras ao longo de milênios[21].

Estas terras sofreram significativamente sob o colonialismo dos colonizadores. Apenas um por cento das savanas de carvalhos que uma vez se estenderam por esta região sobreviveram aos pastos dos colonos, aos cortadores de grama e aos projetos de desenvolvimento. A remoção dos povos indígenas de suas terras e a dizimação de suas culturas através de sistemas de escolas residenciais e assimilação forçada teve e continua a ter efeitos devastadores sobre os indivíduos e suas comunidades em todo o Canadá. As savanas de carvalhos do *High Park* provocam outra linha de investigação sobre esta história: podemos simultaneamente perguntar como esta violência afeta o bem estar da terra? O que uma terra perde quando é despojada de seu povo?

As savanas de carvalho não sobrevivem sem pessoas. Após anos de colonizadores pastando ovelhas e cortando as ervas para esculpir as terras em um parque de lazer, estas terras são agora reconhecidas como ecossistemas raros, locais de interesse natural e científico. A equipe de Florestas Urbanas de Toronto trouxe queimadas controladas em um esforço para salvar as savanas de carvalhos. No entanto, salvar a “natureza” da savana de carvalho parece ser prioridade em relação aos legados duradouros da violência colonial que contribuiram à degradação destas terras. As terras lutam para sobreviver hoje, precisamente porque os povos indígenas que deram a esta terra seus contornos e significado, foram removidos e suas fogueiras suprimidas. Trabalhando sem a inclusão dos povos indígenas, os intensos esforços de restauração ecológica em andamento no parque hoje participam de um projeto colonial em andamento que continua a impor a desapropriação dos povos indígenas de suas terras. Podemos fazer ecologia de outra forma?

Descolonização do sensorium ecológico

Uma das eras mais totalizantes da ecologia colonial tem sido o repúdio das articulações indígenas ao sentimento de terras e corpos, e suas relações inextricáveis[22]. Afirmações de um sentimento mais-que-humano são blasfêmias para uma ecologia colonial cujos dados e modos de investigação tácita, explicitamente assumem que corpos e terras devem ser administrados como propriedade,



recurso e mercadoria[23]. A descolonização da ecologia exige a interrupção de nossas bem ensaiadas réplicas à sugestão de um sentimento mais-que-humano. Todos nós estamos familiarizados com essa rápida demissão que reduz as reivindicações sobre sentimentos não-humanos a expressões primitivas de animismo ou antropomorfismo. Considere por um momento, entretanto, que os próprios tabus contra o animismo e o antropomorfismo estão fundamentados na imaginação colonial da natureza e da cultura, e que esta rejeição do sentimento não-humano está intimamente ligada aos projetos coloniais que tomaram forma sob o disfarce das ciências ecológicas [24]. O *Devir Sensor* nos convida a considerar que os protestos contínuos contra a própria concepção de sentimentos não-humanos correm o risco de recolonizar o passado, reviver um presente colonial e assegurar que o domínio colonial sobre terras e corpos colonizados perdure no futuro. Para se tornarem melhores aliados dos projetos de ressurgimento indígena[25], os colonizadores poderiam começar esquecendo tudo o que pensávamos saber sobre vidas e mundos não-humanos. Isto requer um trabalho sério. *Devir sensor* nos convida a esquecer o que pensávamos ser "natureza"; a esquecer como pensávamos que a vida "funcionava"; e a esquecer, também, os *tropos* naturalizantes que nos fizeram acreditar que os seres vivos "trabalham" como máquinas, ou que as florestas realizam "serviços ecossistêmicos", ou que "reprodução" e "aptidão" eram as únicas medidas valiosas e graváveis de uma vida[26]. Ele exige o cultivo de novos modos de encarnação, atenção, imaginação e novas formas de contar histórias sobre terras e corpos.

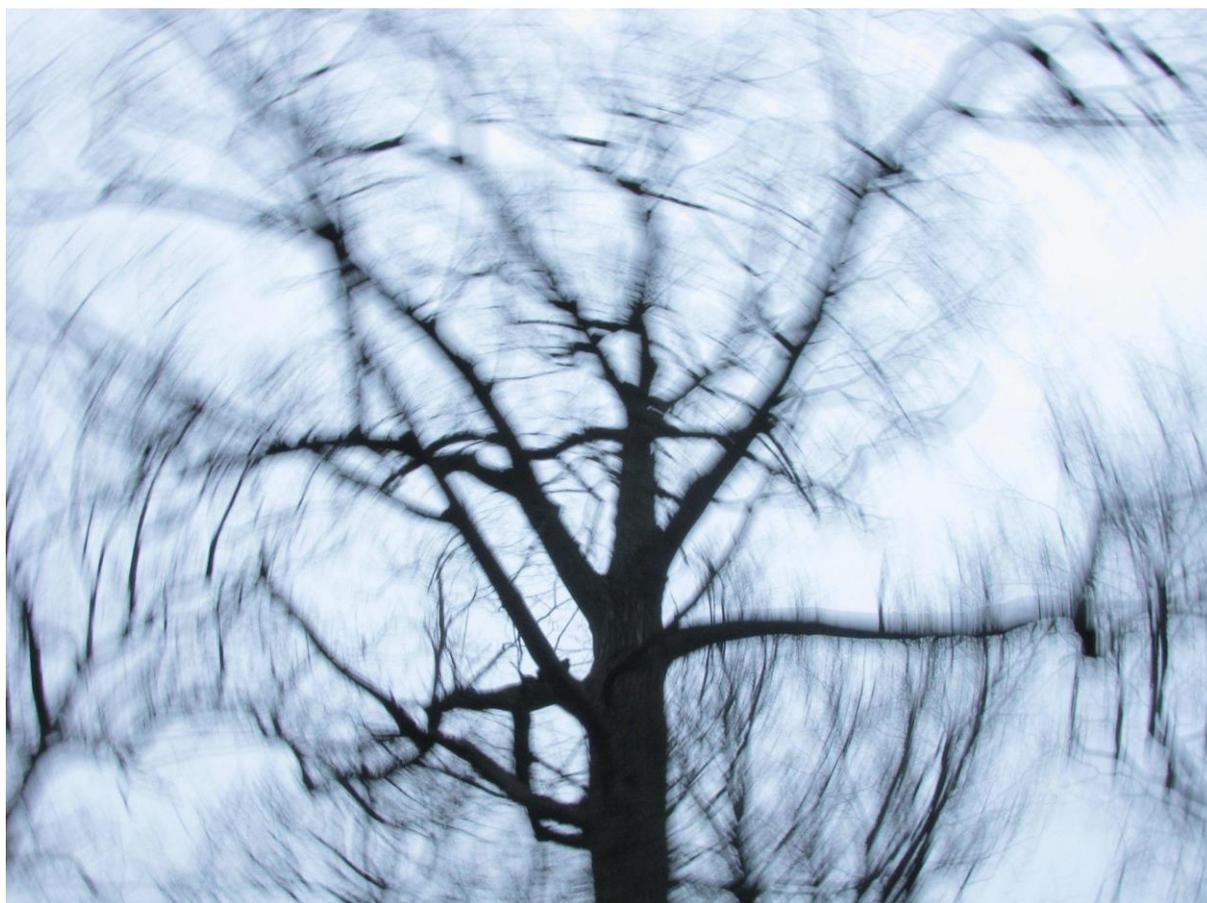


Figura 2: Sensível, sensível e sentido. Fotografia da autora.

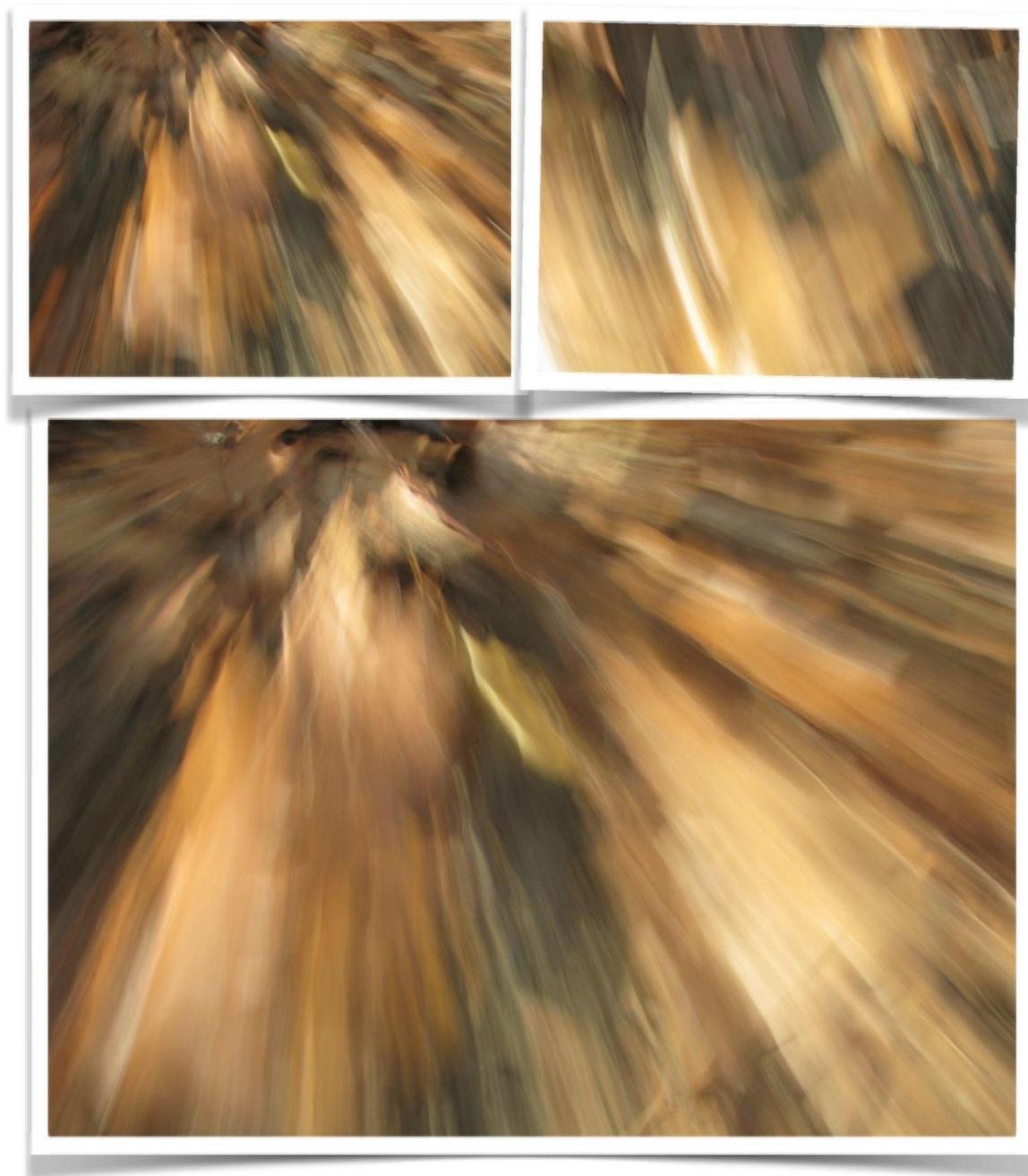


Figura 3: Decomposições. Fotografias da autora.

O retorno repetidamente a este trabalho de desajuste e reajuste de nossos sensoriais através de nosso trabalho na savana de carvalho, inspirou a invenção de uma ecologia sem grades, para uma história mais do que natural, até a tarefa de documentar este acontecimento cultural natural que acontece há 10.000 anos na fabricação. É na savana de carvalho do *High Park* que Ayelen e eu estamos aprendendo que é possível inventar novos modos de atenção e investigação para uma



Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – artigos | ano 9, no. 23, 2022

descolonização, *queer*, ecologia feminista. Talvez este se torne um lugar onde a restauração ecológica possa ser desarticulada de esquemas de gestão incentivados que visam maximizar os serviços ecossistêmicos de uma terra. Talvez se torne um lugar onde os discursos moralizadores neocolonialistas sobre espécies invasoras e nativas possam começar a perder sua tração. Imagino que esta seja também uma terra na qual os imperativos reprodutivos e heteronormativos, militarizados e produtivistas das histórias de sobrevivência neo-darwinistas possam, algum dia, tornar-se menos salientes. Dois anos depois, nossas primeiras sintonizações estão apenas começando a nos sensibilizar para o que esta terra é importante, e o que é importante para esta terra[27].

Fazendo Ecologia de outra forma: Protocolos para uma Ecologia sem grade

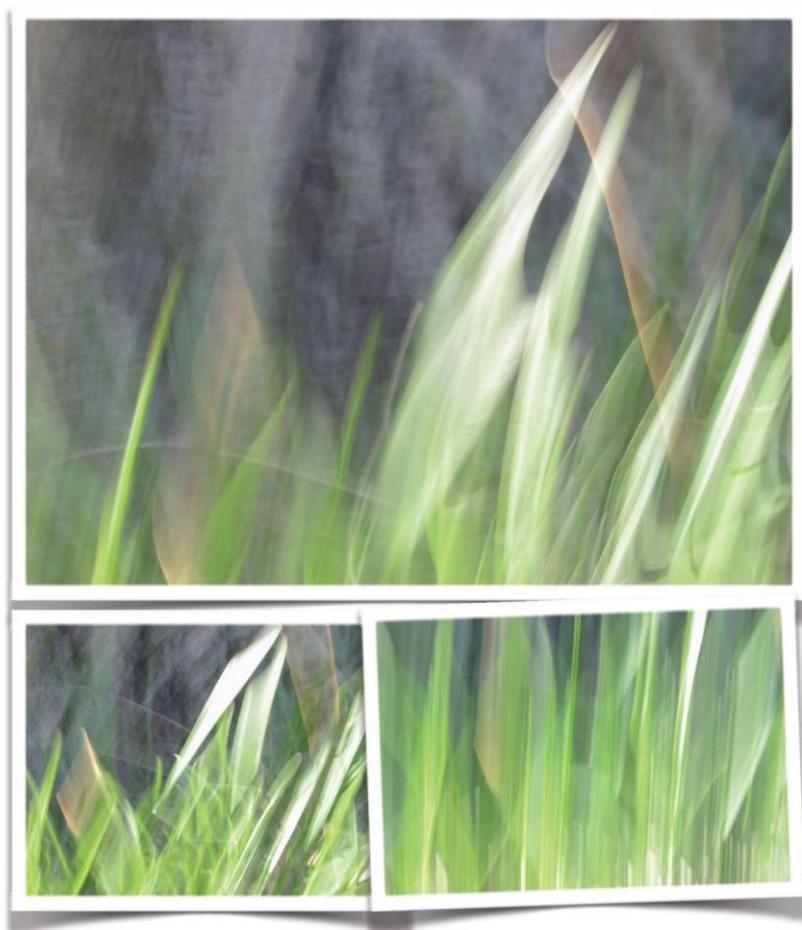


Figura 4: Chamas verdes. Fotografias da autora.



A equipe de Florestas Urbanas de Toronto colocou placas em todo o parque para marcar "Lotes de Monitoramento", onde fizeram trabalhos de restauração ecológica. São locais para os quais os trabalhadores dos parques retornam uma vez a cada poucos anos para tirar fotografias e registrar as mudanças, armazenando as imagens em um arquivo na prefeitura. Levamos a sério a ideia de que estes lotes de monitoramento são locais onde precisamos prestar muita atenção. O que está envolvido em monitorar um ambiente? O que seria necessário para realmente prestar atenção ao que está acontecendo aqui? E que modos de atenção poderiam ser necessários para uma conta descolonizada desta terra?

E o que, Ayelen e eu perguntamos, teríamos que fazer para nos sintonizarmos realmente? Tornando-nos sensores neste mundo já sensível, estamos experimentando modos de atenção para aprender a prestar atenção a esta terra que vem prestando muita atenção a todas as transformações que estão tomando forma ao seu redor há tantos anos[28]. As plantas e as árvores são, elas próprias, sensores notavelmente sensíveis[29]. Como nossas práticas de sensoriamento podem fazer justiça ao documentar os seres e os feitos de um carvalho, muito menos o grande número de árvores e outras criaturas que se enraízam juntas por esta ampla faixa de terra antiga? Estamos aprendendo que tornar-se sensor na savana exige sintonizações sutis de nossa sempre cinestésica sensória. Como dançarinos de longa data, nossas sintonizações com estas terras já estão sempre sinestesticamente infletidas e profundamente atentas ao ritmo, temporalidade, impulso e movimentos mais-que-humanos de todos os tipos. Nossos protocolos para esta ecologia sem grade são especialmente sintonizados com os corpos e movimentos das criaturas ao nosso redor, incluindo as plantas, árvores, fungos, insetos, pássaros, esquilos, cães, máquinas e pessoas, e todas as formas de vida e morte, tornando-se e se desmanchando.

É importante notar que nossos protocolos não pretendem recolonizar essas terras com mais histórias de colonizadores. Ao contrário, estas técnicas oferecem um exemplo de algumas maneiras de quebrar o consenso de uma ecologia colonial que está endividada à economia, militarizada, mecanicista e à lógica neodarwinista. Estes protocolos demonstram como se pode começar a recusar as normas e lógicas coloniais da ecologia convencional, a fim de abrir-se para sentir outros sentimentos. Ao fazê-lo, eles visam expandir o campo discursivo no qual histórias sobre corpos e terras podem ser contadas. O objetivo é dar mais espaço, empurrar contra o sensorium ecológico



convencional, para que as ciências não tenham a única ou última palavra a dizer. Talvez estes protocolos nos ajudem a aprender como fazer melhores perguntas sobre o que importa à terra, para que no futuro possamos trabalhar ao lado dos ecologistas para transformar as formas como eles apreendem o mundo, as perguntas que eles fazem e seus métodos de investigação. É abrindo mais espaço para outras formas de contar histórias sobre terras e corpos que, como colonos, estamos nos aliando ao notável trabalho de ativistas e estudiosos indígenas em nome da descolonização[30].

Imagens cinestésicas: representando corpos sentientes em uma ecologia afetiva

Partimos da premissa de que não somos os únicos observadores nestas terras. O que muda quando partimos da premissa de que estamos sendo observados pelas árvores? O que as árvores sabem? Se aprendêssemos a ouvir, que histórias elas poderiam contar? Se a fotografia tradicional da natureza captura corpos vivos e os transforma em objetos de interesse científico, as imagens cinestésicas que Ayelen e eu compõem no campo tornam o mundo de outra forma. Entramos em nossas câmeras para perturbar o desejo do ecologista convencional de capturar dados limpos, claros e legíveis. Mantemos aberta a abertura o tempo suficiente para manter nossos corpos em movimento no quadro, permitindo-nos registrar os humores e as energias da terra em relação à luz e à cor, e participar da vibração de cada acontecimento. Como sabemos, estas imagens relacionais documentam a energia de um encontro, o empurrar e puxar entre corpos, humanos, mais que humanos, e máquinas. Geradas no ato de se mover com e ser movido pelos seres feitos destas terras, estas imagens registram acontecimentos efêmeros e oferecem registros do momentum de nossa involução ativa nesta ecologia afetivamente carregada[31] (Ver Figuras 1-7).

No ato de fazer imagens cinestésicas com câmeras digitais, o fotógrafo não capta o fenômeno tanto quanto se deixa apanhar pelo mesmo, pegando carona no que está se tornando e se desfazendo[32]. Os troncos apodrecendo, cogumelos com babados, folhas desmoronando, areias antigas e gramíneas verdes destas terras não são coisas discretas, são acontecimentos tomando forma através do tempo profundo e na efêmera de agora, e agora, e agora. É dando uma carona nos movimentos de crescimento de árvores e plantas, deixando que seus movimentos lentos atraiam nossos corpos, que nossas imagens cinestésicas esbatem a distinção entre animador e animado[33]. Deixando as linhas do arco selvagem dos membros das árvores colocarem nossos



corpos e câmeras em movimento, experimentamos formas *intra-animadas* com as árvores[34]. A colocação destas imagens estáticas em sequência nos permite animar estas danças (ver Figura 5). Estas imagens parecem conjurar os movimentos imperceptivelmente lentos do crescimento das árvores como uma dança, com as árvores como dançarinas gestuais e expressivas. Neste sentido, nossas imagens cinestésicas são o que Deleuze poderia chamar de "imagens do tempo"[35]: elas animam temporalidades de outra forma imperceptíveis ou inimagináveis, conjurando agências de plantas incômodas em um borrão de luz, cor e movimento.

Nossas imagens experimentam maneiras de sintonizar o que importa para essas terras. Alcançar o desconhecido e o incognoscível dos mundos mais-que-humanos, nossas imagens abrem modos especulativos de atenção que sugerem as velocidades e lentidão da luz, cor e vibração que uma planta ou árvore pode perceber do mundo urbano que corre ao seu redor (ver Figura 6)[36]. Estes revestimentos insistem que o vidro, metal, plástico, concreto, sal e petroquímicos das estradas também são participantes inextricáveis do meio vibratório deste acontecimento ecológico. Imagens cinestésicas de gramíneas em crescimento também podem revelar a energia do crescimento, da combustão e da decomposição: lâminas de grama acendem em chamas de maneiras que também invocam os incêndios que estas terras tanto anseiam (ver Figura 4). A criação de imagens desta forma nos permite participar de processos de decomposição, recusando-se a ficar parado para uma imagem focalizada. Ao puxar o tempo e a luz, experimentamos maneiras de conjurar as energias invisíveis, inefáveis e numinosas que se desenrolam em processos de decomposição (ver Figura 3). Eles também nos ajudam a documentar a inflexão da vida urbana e da vida do parque, ensinando-nos de novas maneiras a impossibilidade de desenredar a natureza da cultura. Dando passeios pela savana de carvalho à noite, mantendo a abertura da câmera aberta por até 25 segundos, somos capazes de render as formas que nosso sensorium móvel e mediado brinca com as luzes da cidade, gerando traçadores e rejeitos das luzes cintilantes que cortam incessantemente durante a noite (veja Figura 7). É brincando com o excesso e a fabulação, que nossas formas de dados sem grade com desejos de legibilidade científica enquanto geram formas de canalizar, transgredir e contar as formas notáveis de impulso involuntário tomando forma nesta ecologia afetivamente carregada.

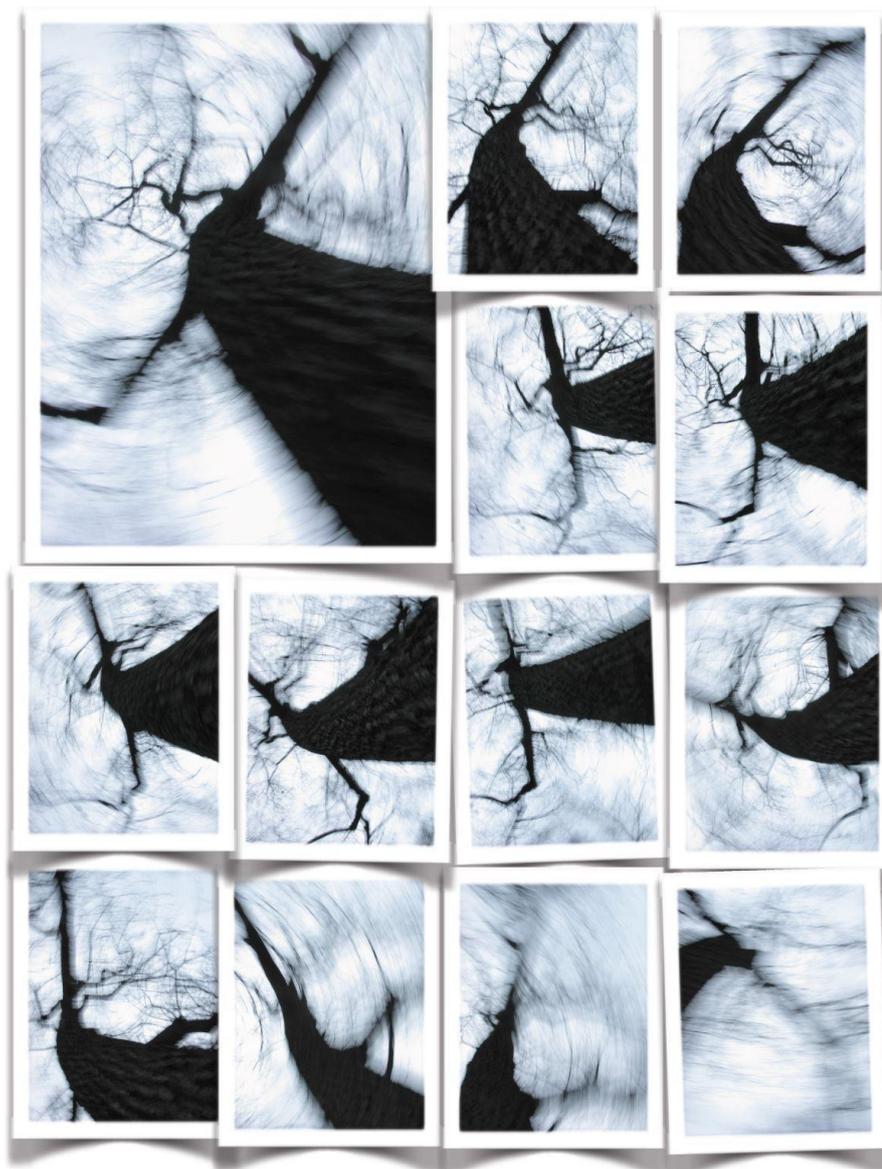


Figura 5: Danças com carvalho. Fotografias da autora.

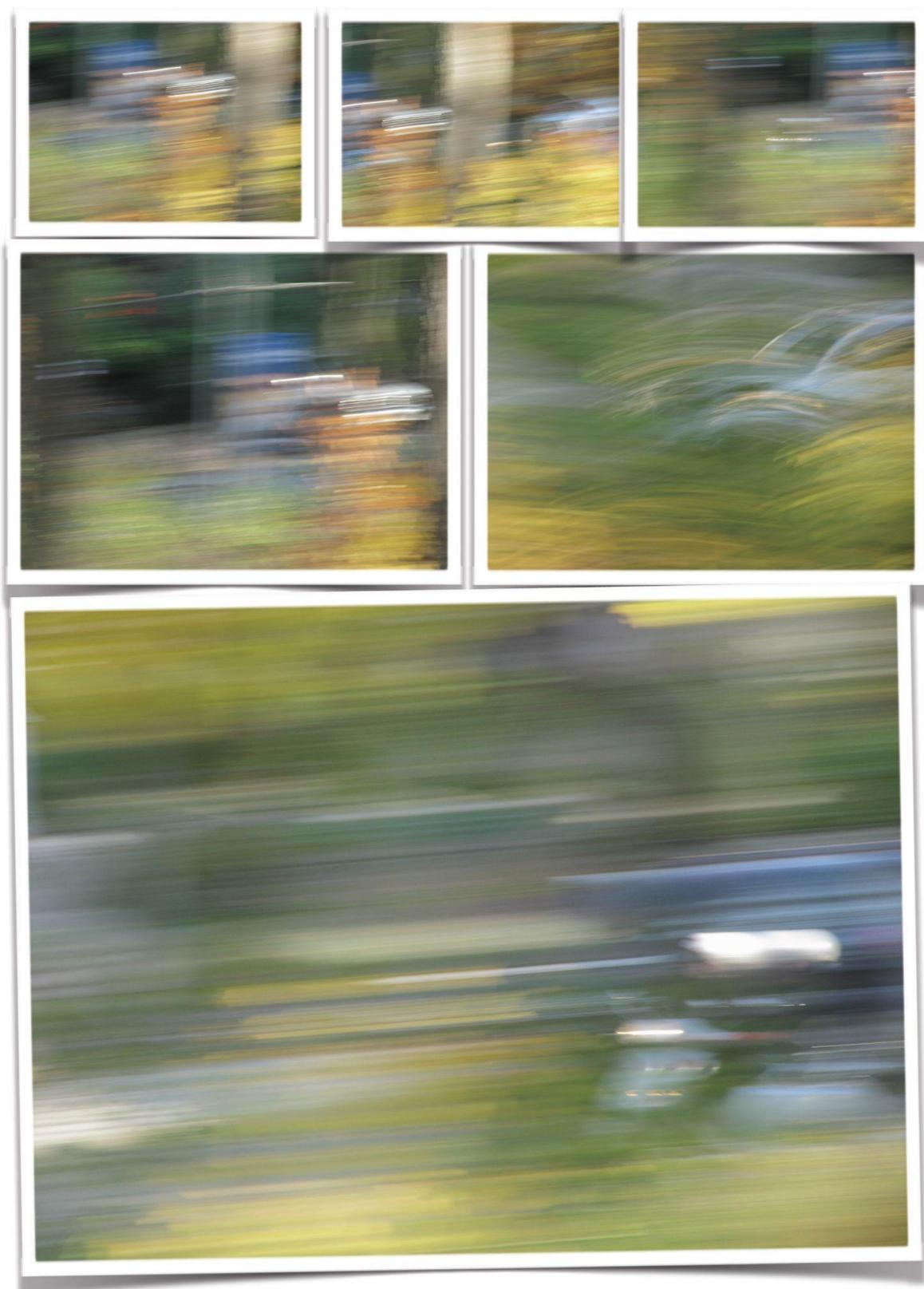


Figura 6: Vidro, metal, plástico, concreto e petroquímicos. Fotografias da autora.



Figura 7: Caminhadas noturnas no cerrado. Fotografias da autora.

Recebido em: 15/09/2022

Aceito em: 15/10/2022



Bibliografia

- BARAD, K. (2007). Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning. Durham: Duke University Press.
- COULTARD, G. (2014). Red Skin, White Masks: Rejecting the Colonial Politics of Recognition: University of Minnesota Press.
- de la Cadena, M. (2015). Uncommoning Nature. Retrieved May 4, 2016, from <http://supercommunity.e-flux.com/authors/marisol-de-la-cadena/>
- DELEUZE, G. (1989). Cinema 2: the time image. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- DESPRET, V. (2013). From secret agents to interagency. *History and Theory*, 52(4), 29–44.
- FORTUN, K. (2012). Ethnography in Late Industrialism. *Cultural Anthropology*, 27(3), 446–464.
- GENIUSZ, W. D. (2009). Our knowledge is not primitive: Decolonizing botanical Anishinaabe teachings. Syracuse University Press.
- HARAWAY, D.J. (1987). Um manifesto para Cyborgs: Ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 1980. *Australian Feminist Studies*, 2(4), 1- 42.
- HARAWAY, D. J. (1988). Situated Knowledges: A Questão Científica no Feminismo e o Privilégio das Perspectivas Parciais. *Estudos Feministas*, 14(3), 575-599.
- HARAWAY, D. J.(1997).Modest_Witness@Second_Millennium.FemaleMan_Meets_OncoMouse: Feminismo e Technoscience. Nova York: Routledge.

Notas

[1] A escolha da palavra indomável para a tradução se deu após uma busca de várias possibilidades junto com a autora para "Ungrid-able" - que é uma palavra inventada por ela, para dar sentido a algo que não pode ser reduzido, que não tem controle, nem grade.

[2] Myers, N. (2017). Ungrid-able Ecologies: Decolonizing the Ecological Sensorium in a 10,000 year-old NaturalCultural Happening. *Catalyst: Feminism, Theory, Technoscience*,3 (2) 1-24 <http://www.catalystjournal.org> | ISSN: 2380-3312 © Natasha Myers, 2017.



[3] Professora na York University. Email: nmyers@yorku.ca

[4] Professora na UNIFESP. Email: marina.guzzo@unifesp.br

[5] Veja o notável trabalho de Michelle Murphy, Matt Price, Nick Shapiro e muitos outros na Iniciativa de Governança de Dados Ambientais lançada para salvar os dados ambientais da administração Trump esforços para fechar a EPA. <https://envirodatagov.org>

[6] Ver de la Cadena (2015)

[7] Ver Haraway (1997), Barad (2007), e Myers (2015a).

[8] Ver, por exemplo, Murphy (2017).

[9] Ver, por exemplo, o Projeto Write2Know (<http://write2know.ca>), uma colaboração em pesquisa de justiça social e ambiental com Max Liboiron e o Grupo de Trabalho de Política de Evidência (<http://politicsofevidence.wordpress.com>), que contestou o defencionamento da ciência e o amordaçamento de cientistas federais sob o governo Harper no Canadá, ao mesmo tempo em que tomou posição por formas de investigação pública que respondessem às necessidades das comunidades marginalizadas e por regimes de evidência que se expandem, cujo conhecimento passa a contar na elaboração de políticas.

[10] Ver, por exemplo, Fortuna (2012), Shapiro (2015), Liboiron (2016), e Murphy (2013).

[11] Ver, por exemplo, os esforços do Grupo de Trabalho de Política de Evidência (<http://politicsofevidence.wordpress.com>).

[12] Ver Povinelli (2002, 2011) sobre o liberalismo e a política de reconhecimento, e Stengers (2010) sobre a maldição da tolerância.

[13] Ver Myers (2015a).

[14] Haraway (1988)

[15] Esta abordagem repercute nos trabalhos de Puig de la Bellacasa (2011) Stengers (2010), e Despret (2013).

[16] Ver também Myers (2015b).

[17] Hustak e Myers (2012)

[18] Veja por exemplo Campbell (no prelo), Loveless (no prelo), e Myers (no prelo b).

[19] Para mais informações sobre o trabalho de Ayelen Liberona veja <http://ayelenliberona.com>

[20] Sobre as culturas da natureza ver Tsing (2015)

[21] Ver Johnson (2015) e Riley (2013).

[22] Ver por exemplo Simpson (2014), Geniusz (2009), e Kimmerer (2015).

[23] Sobre a história colonial da ecologia ver, por exemplo, Kingsland (2008). Ver Hustak e Myers (2012) para mais informações sobre os *tropos* funcionalistas, mecanicistas, militarizados e economizadores que moldam a percepção ecológica.

[24] Veja Myers (no prelo a)

[25] Pensando com Eve Tuck e K. Wayne Yang (2012), e explorando formas de trabalhar como colonizador branco aliado a projetos de ressurgimento indígena, não estou empregando a descolonização como metáfora: a descolonização ecológica requer a repatriação de terras para os povos indígenas. Ver, por exemplo, Simpson (2008), Simpson e Ladner



(2010), Simpson (2011, 2014), e Coultard (2014). Ver também Geniusz (2009) para a abordagem de um estudioso indígena para descolonizar o conhecimento botânico. Ver Mastnak et al. (2014) para formas de descolonizar os conhecimentos das espécies "nativas" e "invasivas".

[26] Ver Hustak e Myers (2012).

[27] Ver Myers (no prelo) e o site do Devir Sensor (<http://becomingsensor.com>) para descrições deste e de outros protocolos, incluindo aqueles para farejar ecologias químicas e sondar a savana. Para sintonizar nossos experimentos com escuta e imagem cinestésica, veja <https://becomingsensor.com/portfolio/kinestheticimaging/>

[28] Note-se que estou deliberadamente diluindo as distinções aqui entre os modos de atenção humana e não humana. Há diferenças cruciais e incomensuráveis entre os sensoriais humanos e não humanos, para ter certeza. Mas talvez também haja ressonâncias possíveis que ainda não compreendemos completamente.

[29] Ver Hustak e Myers (2012) e Myers (2015b) para revisões da literatura sobre as ciências da detecção de plantas.

[30] Ver por exemplo Todd (2016a &b), L. Simpson (2008, 2011, 2014), A. Simpson (2007), e Tallbear (2013).

[31] Sobre "momentum involucionário" e "ecologias afetivas" ver Hustak e Myers (2012).

[32] A figura de Donna Haraway (1987) do ciborgue nos lembra de contar com a não-inocência de nosso sensorium mediado tecnologicamente. Nossas câmeras são de fato heranças do militarismo e muito mais, e por isso o trabalho de um ecologista sem grade não é isento de problemas. "Ficar com o problema" (Haraway 2016) na savana dos carvalhos exige que se tenha em conta, em vez de negar, a natureza complicada de nossa sempre cyborg sensorial. Os bons ciborgues aprendem a invadir e encavar sistemas hegemônicos. O que seria necessário para interromper e reimaginar o sensorium ecológico convencional? Como podemos pensar e trabalhar além da lógica de grade, especialmente quando a superfície deste mesmo documento/página, ela própria mediada digitalmente, está ligada a uma grade? Algumas figuras neste ensaio fotográfico fazem uso autoconsciente de algoritmos de renderização digital automatizados que o tornam parcer que estas imagens foram impressas, dispostas em uma superfície branca e imitadas como agrupamentos provisórios e tentativos. Trato isto como uma simulação de uma forma de interagir com estas imagens cinestésicas como formas de dados e expor os limites do pensamento em grade; isto é, misturando-as, organizando-as e reorganizando-as para fazer argumentos estéticos e conceituais, sempre com tentativas, para ver que histórias tomam forma no meio.

[33] Ver Stacey e Suchman (2012) e Myers (2012).

[34] Ver Myers (2015a) sobre "intra-animacidade".

[35] Ver Deleuze (1986).

[36] Para uma visão de várias maneiras como as plantas percebem o mundo, veja Myers (2014 e 2015b).